

Introdução à obra e à vida de C.L.R. James, ou da atualidade da revolução como realização do indivíduo social

Introduction to the work and life of C.L.R. James, or the persistent timeliness of the revolution as the realization of the social individual

Valter Zanin¹

Resumo: O artigo é uma introdução crítica à obra e à vida de C.L.R. James, um dos pais do pan-africanismo marxista revolucionário e da crítica obreirista ao stalinismo e à burocratização do movimento operário. Autor de algumas obras-primas que revolucionaram a historiografia da escravidão, como *The Black Jacobins* (1938), e os estudos sobre as sociedades caribenhas - como *Beyond a Boundary* (1963) - ou estadunidense - como *Notes on American Civilization* (1950) -, sua importância é amplamente reconhecida nos estudos da língua inglesa, que também têm sublinhado sua contribuição fundamental para o nascimento do autonomous marxism e dos post-colonial, atlantic e cultural studies. Essa contribuição não se deu por genérica influência cultural, mas frequentemente pela direta formação cultural e política de pesquisadores que militaram em grupos organizados por James e seus colaboradores, como, por exemplo, no caso de George Rawick, George Caffentzis, Selma James, Silvia Federici, Peter Linebaugh e outros. Da mesma forma, seu papel foi relevante na formação direta de Kwame Nkrumah e outros ativistas que contribuíram para a descolonização na África, bem como naquela dos militantes que nos anos 1960 animaram os grupos obreistas do radicalismo negro nos Estados Unidos ou de feminismo radical nos EUA e na Itália. Mesmo tentando fornecer um quadro abrangente dos múltiplos campos da atividade intelectual e política de C.L.R. James, o artigo enfoca principalmente uma análise crítica de sua contribuição teórica e organizacional para o movimento pan-africanista, para a crítica do stalinismo e do trotskismo e para o crescimento da organização da autonomia de classe. O artigo contém uma breve biografia de C.L.R. James e é acompanhado por uma bibliografia das principais obras de C.L.R. James - em que são relatadas as modificações aportadas nas várias edições das mesmas - e dos estudos monográficos sobre C.L.R. James.

¹ Valter Zanin é pesquisador e professor adjunto na Universidade de Pádua (Itália), onde coordena o grupo de pesquisa “Corresponding Society on Contemporary Compulsory Labour”; é membro do Grupo de Pesquisa sobre o Trabalho Escravo Contemporâneo (Gptec), da UFRJ, e da Unesco Chair on Sustainable Development (Universidade de Turim).

Palavras chave: C.L.R. James; história do pan-africanismo; historiografia da resistência, revoltas, revoluções dos escravos.

Abstract The article aims to provide a critical introduction to the work and life of C.L.R. James, one of the fathers of revolutionary Marxist pan-Africanism and of the workerist critique of Stalinism and the bureaucratization of the workers' movement. Author of some masterpieces that revolutionized the historiography on slavery, such as *The Black Jacobins* (1938), and the studies on Caribbean and USA - such as *Beyond a Boundary* (1963) and *Notes on American Civilization* (1950) -, its importance is widely recognized in English language studies, which have also underlined its fundamental contribution to the birth of autonomous marxism, and post-colonial, Atlantic and cultural studies. This contribution did not take place through generic cultural influence, but often through the direct cultural and political training of researchers who were actives in groups organized by James and his collaborators, such as, for example, in the case of George Rawick, George Caffentzis, Selma James, Silvia Federici, Peter Linebaugh, and others. Likewise, its role was relevant in the formation of Kwame Nkrumah and other activists of the decolonization in Africa, as well as in that of the militants who in the 1960s animated the workerist groups of black radicalism in the USA or of radical feminism in the USA and in Italy. The article tries to provide a comprehensive picture of the multiple fields of intellectual and political activity of C.L.R. James, but it focuses mainly on his theoretical and organizational contribution to the Pan-Africanist movement, to the critique of Stalinism and Trotskyism and to the growth of the organization of class autonomy. The article contains a short biography of C.L.R. James and is accompanied by a bibliography of his main works - in which the modifications made in the various editions of the same are reported - and of the monographic studies on C.L.R. James.

Keywords: C.L.R. James; history of pan-Africanism; historiography of slaves' resistance, revolts, revolutions;

Nota prefatória

Um primeiro rascunho de nove páginas deste texto remonta a outubro-novembro de 1995, quando propus apresentar o perfil intelectual e político de Cyril Lionel Robert James (C.L.R. James) a pesquisadores e professores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), em um seminário especialmente dedicado a James e que ocorreu naquele ano em São Paulo. Um dos resultados daquele seminário foi a proposta, ao editor da Unicamp, da tradução para o português de *The Black Jacobins*, acompanhada por uma consistente introdução que inserisse essa obra no contexto geral da trajetória intelectual e política de C.L.R. James e esclarecesse sua ampla influência, a fim de evitar o risco de que uma edição brasileira do livro de James fosse recebida como mais um dos muitos estudos sobre a escravidão nas Américas, neste caso, sobre o San Domingo francês. Da apresentação da proposta editorial, no final de 1995, não soube de mais nada. Depois de 1996, tive a oportunidade de voltar ao Brasil apenas no final de 2000. Na ocasião, para minha surpresa, encontrei um exemplar da versão em português de *The Black Jacobins*, publicada pela Boitempo, em uma livraria, mas sem nenhuma introdução, prefácio ou posfácio que explicasse ao público brasileiro a enorme importância histórico-cultural do livro e o contextualizasse. O texto aqui traduzido é, na verdade, a introdução que faltou e reproduz a versão publicada em italiano em 2013 (ZANIN, 2013).

Adianto que, por uma questão de simplificação, optei por inserir em nota de rodapé também as referências bibliográficas das citações no texto do artigo, visto que, na bibliografia, relato apenas as obras de e sobre C.L.R. James, indicando as várias edições nas quais o autor fez alterações nas edições posteriores. Aliás, uma análise crítica das obras de C.L.R. James, que leve em consideração a dimensão filológica das mudanças que ele aportou em seus textos ao longo do tempo e uma escrupulosa comparação com os autores que ele cita, ainda está por ser feita, apesar primeiras contribuições válidas que podem ser lidas neste sentido (QUEST, 2008; HØGSBJERG, 2014; DOUGLAS, 2019). Também no artigo apresentado a seguir, essa dimensão não é abordada.

Na verdade, este artigo tem uma natureza introdutória ao trabalho e à vida de C.L.R. James e tenta aplicar a esta reconstrução introdutória chaves interpretativas

tomadas de empréstimo das próprias teorias de James. Em particular, o artigo procura transmitir o sentido e o esforço de unidade da atividade teórica, política e cultural expressa e perseguida por James como uma manifestação do seu ideal de integração das várias esferas da vida. Da mesma forma, o artigo se propõe a ler os ajustes e distanciamentos de James em relação aos modelos teórico-organizacionais de derivação leninista e trotskista, não em termos de descontinuidade, mas sim como uma expansão derivada do peso da experiência de James como militante pan-africanista. É a partir desta experiência que James incorpora ao seu módulo crítico a pressão exercida pelos interesses das massas sobre os líderes - neste caso as massas coloniais e ex-coloniais, escravas e ex escravas, africanas e afro-americanas.

Muitos tópicos são aqui apenas mencionados e cada um deles mereceria, pelo menos, um artigo à parte. Cito apenas um conjunto de problemas que estão vinculados ao artigo publicado no número anterior desta revista e que era dedicado ao tema das aporias no discurso das ciências sociais e da literatura brasileiras entre as duas guerras mundiais diante do tema da resistência e das revoltas do escravos (ZANIN, 2020). Conforme expliquei na nota prefatória daquele artigo, havia tentado ler as aporias das ciências sociais e da literatura brasileiras à luz dos pontos mais avançados da teoria e prática pan-africanas da época, cujos principais expoentes em escala internacional foram W.E.B. Du Bois e, de fato, C.L.R. James. Observava, no entanto, que, mesmo nesses últimos autores estavam presentes aporias, ainda que de tipo diferente e situadas em um nível mais avançado de discurso e prática de emancipação. No caso específico de C.L.R. James, devem ser lembradas as seguintes aporias: o tratamento nem sempre resolvido da relação entre a liderança e as massas; a reivindicação contínua da centralidade da iniciativa vinda de baixo e que se espalha para além dos limites do partido e do sindicato; a liquidação descuidada - de fato, a aceitação acritica - da repressão de Kronstadt; a imagem simplificadora de um Lênin libertário proposta, com alguma insistência, a partir dos anos 1960; e a dificuldade de lidar com a especificidade das formações sociais africanas após a descolonização. Finalmente, o tratamento jamesiano do escravo de plantação americana como proletário precisaria de uma discussão teórica mais aprofundada. Remeto para uma ocasião futura a discussão de todas estas questões.

Schio (Itália), 3 de setembro 2020

Valter Zanin

O legado de C.L.R. James entre *autonomous marxism*, *postcolonial* e *cultural studies*

Resumir em um breve ensaio a obra de C.L.R. James não é uma tarefa fácil, dada a vastidão e diversidade dos problemas enfrentados por James e sua intensa atividade como militante e organizador revolucionário nas Índias Ocidentais, Europa, Estados Unidos e África. Em sua carreira como jornalista, escritor e teórico marxista, James escreveu sobre temas variados, entre eles: críquete; arte e cultura popular; literatura anglo-saxônica clássica e moderna; arte moderna; levantes e revoluções nas Índias Ocidentais e na África; pan-africanismo; formação e crise da terceira e da quarta internacional; dialética em Hegel, Marx e Lenin; nacionalismo e federalismo no Caribe; perspectivas do movimento operário revolucionário internacional.

Como organizador e militante, deve ser lembrado por seu papel de líder do movimento revolucionário pan-africanista e de cofundador da Quarta Internacional e, após a ruptura com o trotskismo, como promotor de uma abordagem e método de trabalho político que influenciou o chamado marxismo autônomo (*autonomous marxism*), antecipando temas e características da chamada *New Left*, sem, no entanto, compartilhar com ela tendências antioperárias ou antimarxistas.

A amplitude e a aparente distância dos campos em que James trabalhou, sempre aportando contribuições inovadoras e altamente refinadas, podem desorientar quem tente avaliar a persistente atualidade e o legado da produção jamesiana. O risco de uma perversão do sentido da obra de James se manifesta nas tentativas de recuperar ou supostamente valorizar sua figura intelectual e política ignorando a profunda unidade e a natureza sistemática de suas várias contribuições para a crítica do processo civilizatório. Estudiosos cuidadosos do trabalho de James apontaram esse perigo desde quando James foi redescoberto e identificado como um precursor dos *cultural studies*, dos *postcolonial studies*, dos *black studies* e dos *atlantic studies*. De fato, estas linhas de estudo caracterizam-se frequentemente por um interesse prevaiente pelas questões da “identidade”, tendendo a ignorar os problemas do poder, do condicionamento econômico e, sobretudo, do papel ativo dos trabalhadores coloniais e ex-coloniais tanto na reprodução quanto na desestabilização do capitalismo em escala internacional².

² A esse respeito, vejam-se os ensaios no livro organizado por Grant Farred (1996).

Da mesma forma, parecem desfiguradas as leituras de James como um precursor de um chamado *post-marxism*. Há também leituras que diluem seu tratamento cuidadoso das complexas estratificações dos mundos proletários em termos de uma genérica “multidão”. No entanto, James sempre reivindicou sua fidelidade ao ditado marxiano e leniniano, reafirmando a centralidade das relações de produção para a estratégia e táticas revolucionárias e reconhecendo antecipadamente a autonomia política das lutas de africanos e afro-americanos, de mulheres e de jovens. Em James, a avaliação dessas lutas sempre foi acompanhada pela condição e pela atividade da classe trabalhadora industrial, cujo contributo indispensável para a transição para o socialismo nunca foi questionado por James.

Por outro lado, o próprio James já havia, anteriormente, sinalizado seu distanciamento dos *black studies* e afins, enquanto contemplava a possibilidade de intervir criticamente em seu campo. Em 1969, em conferência organizada pelo *Facing Reality* – o grupo político do qual era animador na época - sobre a proposta de criação de um departamento de *black studies* no *Federal City College* de Washington, onde na época lecionava, James, do alto da sua experiência de pai histórico do pan-africanismo revolucionário, declarou:

Preciso esclarecer algumas coisas desde o início. Eu não reconheço algum caráter distintivo dos estudos negros - não hoje, 1969 [...] não adianta falar de *black studies* até que não esteja perfeitamente claro para vocês que a riqueza que permitiu à burguesia de desafiar aqueles que estavam na chefia da sociedade e de instituir o poderoso regime industrial veio da escravidão [...] Foi a escravidão que construiu a sociedade burguesa e possibilitou que ela fizesse o que Lévi-Strauss pensa ser a única mudança fundamental em dez mil anos de história humana³. Os negros [*blacks*] não somente forneceram a riqueza na luta que começou entre a velha sociedade e a nova sociedade burguesa; os negros ficaram na primeira fileira na própria luta [...] Esta é a história da civilização ocidental [...] Vir dizer para mim que isso é uma espécie de problema étnico é um absurdo grande como uma montanha [...] Eu, como marxista, não conheço *black studies* como tais. Só conheço a luta do povo contra a tirania e a opressão em um determinado contexto social e político e, especialmente durante os últimos duzentos anos, é impossível para mim de qualquer ponto de vista teórico separar os *black studies* dos *white studies*⁴.

³ No texto de Lévi-Strauss mencionado por James (LÉVI-STRAUSS, 1960) e com o qual James diz concordar, a grande transformação ocorrida após a revolução neolítica é representada pela revolução industrial.

⁴ C.L.R. James, *Black Studies and the Contemporary Student*, “Facing Reality”, Detroit, junho de 1969, republicado em C.L.R. James, *At the Rendezvous of Victory* (1984, pp. 186-201).

A este respeito, é preciso dizer que são raros os críticos marxistas da cultura e do processo de civilização que, assim como James, podem se gabar de um trabalho teórico e de uma militância política tão intensa e com papel de liderança. Além disso, em James, não é reconhecível a internalização do sentimento de derrota, que caracteriza a produção de muitos críticos do capitalismo e do stalinismo no século XX, às vezes levando-os a posições antimarxistas ou mesmo conservadoras e reacionárias. A persistente indicação, por James, da atualidade da conquista proletária do poder e de uma reorganização socialista da sociedade, mesmo nos países tardio-industriais, não tem nada a ver com uma genérica confiança nas capacidades de uma classe operária idealizada, mas com o refinamento de métodos e ferramentas de leitura da realidade atentos às formas latentes ou abertas de luta de classes expressas de baixo para cima.

A orientação do método político e a preparação teórica da visão tática e estratégica, já largamente aprontados nos anos 30 e aprofundados nos anos 40, permitem a James e aos grupos por ele animados chegar - talvez minoritários, mas, certamente, não despreparados ou desorientados - ao encontro dos pontos de vista decisivos por eles previstos: dirigir sistematicamente a atenção e captar as expressões aparentemente pré-políticas ou mesmo consideradas apolíticas dos mundos proletários a eles contemporâneos e enquadrá-las no arcabouço de mais amplos processos históricos de resistência e emancipação da exploração e da opressão político-econômica e sócio-cultural. Martin Glaberman, colaborador e discípulo político de James, referindo-se às antecipações contidas em *Notes on Dialectics*, escrito por James em 1948, lembra:

A validade teórica do ponto de vista de James foi demonstrada oito anos depois pela revolução húngara de 1956 (e mais tarde pela revolta francesa de 1968, pela primavera tcheca de 1968 e pelo movimento Solidarność na Polônia de 1980 e 1981) [...] nenhum grupo de esquerda ou de direita estava, de forma alguma, preparado para aceitar a possibilidade da revolução proletária nas ditaduras do Leste Europeu ou em um país democrático como a França. Todas as suas suposições se mostraram falsas: que a classe operária precisava de um partido que a liderasse na revolução; que a classe operária precisava de uma imprensa e de uma rede de comunicação; que o que era necessário era alguma crise na sociedade, como uma depressão ou uma guerra⁵.

⁵ Martin Glaberman, Introdução, em C.L.R., James, *Marxism for Our Times. C.L.R. James on Revolutionary Organization* (1999, p. xvii).

Pan-africanismo e revolução socialista

A instrumentação e o método teórico-político que permitem a James antecipar, logo depois da Segunda Guerra Mundial, portanto em plena Guerra Fria, a iniciativa autônoma operária e proletária que iria se desenvolver na década de 1960 no mundo industrializado (no Oeste tanto quanto no Leste), assim como, mais tarde (nos 1970) tanto no Leste quanto no Oeste. são os mesmos que haviam sido utilizados por ele, desde os anos 1930, para prever a explosão da profunda radicalização em massa dos afro-americanos e a destruição do sistema colonial na África. O próprio James lembra, no prefácio de 1962 à segunda edição de seu *Black Jacobins*, escrito em 1938: “apenas o autor e um punhado de seus amigos íntimos pensavam, escreviam e falavam como se os eventos africanos dos últimos vinte e cinco anos fossem realmente incipientes”⁶.

É o entrelaçamento e a fusão da dupla militância de James, como pan-africanista revolucionário e marxista revolucionário, que produziu essa instrumentação e esse método. O pan-africanismo radical do qual James foi um dos maiores expoentes era um produto do regime escravista das Índias Ocidentais e de sua crise⁷. James relembra: “*The Black Jacobins* foi publicado pela primeira vez na Inglaterra em 1938, mas eu tinha escrito sobre o assunto antes de deixar Trinidad em 1932. Eu já tinha a ideia há algum tempo. Tinha cansado de ler e ouvir que os africanos foram perseguidos e oprimidos na África, na passagem de meio⁸, nos Estados Unidos e em todo o Caribe. Tinha decidido escrever um livro em que os africanos e os afrodescendentes, em vez de serem constantemente submetidos à exploração e à ferocidade de outras populações, tomariam eles próprios a iniciativa em grande escala e adaptariam as outras populações às suas próprias necessidades”⁹.

A dupla consciência, que W.E.B. Du Bois atribuíra aos afro-americanos, atua na mesma evolução político-cultural de James e aguça sua atenção e crítica a toda

⁶ C.L.R. James, prefácio à 2. edição de *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*, 1963, p. vii.

⁷ Deve-se notar que o pan-africanismo de James é radical exatamente porque ele nunca faz quaisquer concessões ao nacionalismo cultural e essencialista. A posição de James é efetivamente resumida em uma passagem de *The Black Jacobins*: “Na política, a questão racial está subordinada à de classe e pensar o imperialismo em termos de raça é desastroso. Mas negligenciar o fator racial, considerando-o puramente incidental, é um erro tão grave quanto considerá-lo fundamental”. C.L.R. James, *The Black Jacobins*, 1. ed. estadunidense, 1938, p. 237.

⁸ A expressão “passagem do meio” [*middle passage*] refere-se à jornada dos escravos desde a captura até a chegada aos locais de deportação nas colônias americanas, passando pela travessia do Atlântico.

⁹ C.L.R. James, prefácio da 3. edição de *The Black Jacobins* (1980, p. v).

infantilização e negação de autonomia de grupos subordinados e discriminados, a ponto de reconhecer, desde cedo, a dupla consciência como uma característica constituinte também da experiência proletária em geral.

A fusão dessa postura e disposição cultural e intelectual com um marxismo não mediado por filtros partidários, mas absorvido por extensas leituras e consideração cuidadosa das obras de Trotsky, Lênin e Marx¹⁰, permitirá inovações tanto no plano da análise histórico-social quanto no teórico-político. Os críticos têm unanimemente relatado a inversão de perspectiva produzida por *The Black Jacobins*, obra na qual C.L.R. James atribui o papel de protagonistas ativos das transformações da modernidade aos escravos afro-americanos, que até então apareciam como sujeitos passivos e meras vítimas ou nem sequer apareciam nas narrativas e análises do mundo moderno. As implicações e consequências dessa reversão de perspectiva são de longo alcance e envolvem o reconhecimento de que as obras historiográficas de James, bem como seus estudos sobre arte popular, Melville ou críquete, são ao mesmo tempo estudos históricos ou de crítica da cultura inovadores, profundas reflexões teórico-políticas e documentos políticos¹¹.

A operação científica e político-cultural de James consiste, portanto, em questionar a afirmação de que as revoluções burguesas e socialistas podem ser desencadeadas e plenamente realizadas apenas por camadas burguesas e proletárias que são supostamente mais avançadas no nível ideológico, apesar de James reconhecer que “os líderes de uma revolução geralmente são aqueles que conseguiram tirar proveito das

¹⁰ O período imediatamente após a Primeira Guerra Mundial em Trinidad foi marcado por greves dos operários do setor petrolífero e dos portuários, muitos dos quais eram seguidores do movimento Marcus Garvey. Apesar de não participar ativamente da vida política, James, cujo talento como jornalista esportivo e escritor de ensaios e contos vinha ganhando espaço, começa a coletar material para escrever uma biografia - concebida como uma contribuição ao nascente nacionalismo antilhano - de André Cipriani, o principal líder dos grevistas. A biografia será publicada em 1932, na Inglaterra, onde, naquele ano, James chegou a convite do campeão de críquete negro das Antilhas Learie Constantine, que pediu a James que o ajudasse a escrever sua autobiografia. A cidade de Nelson, onde Constantine morava, tinha uma longa tradição de radicalismo operário. Quando James chega lá, os operários estão em greve e é a convivência diária com os trabalhadores em luta que o estimula a esse estudo aprofundado dos clássicos do marxismo.

¹¹ Se obras como *American Civilization* e *Mariners, Renegades and Castaways* fazem parte de um programa explícito de “americanização do bolchevismo”, de adaptação do programa bolchevique, como interpretado por James, ao contexto estadunidense, pode-se dizer que *The Black Jacobins* e *A History of Negro Revolt* são uma tentativa de verificar o marxismo à luz da luta anticolonial e pan-africanista e que *Beyond a Boundary* e *Modern Politics* o são no que diz respeito às Índias ocidentais e à civilização ocidental.

vantagens culturais do sistema que atacam e que a revolução de Santo Domingo não foi exceção à regra”¹².

A tensão em relação à elaboração teórico-política caminha lado a lado com a necessidade de rigor científico e remete a mais um traço distintivo da obra jamesiana: a multifocalidade da perspectiva analítica entrelaçada com uma semântica dos tempos históricos e políticos que inerva essa perspectiva, e em que a dimensão do futuro sujeito a previsão dita as prioridades da investigação.

O exemplo mais óbvio é justamente aquele de *Os jacobinos negros*, que trata da revolução dos escravos na Santo Domingo francesa na virada dos séculos XVIII e XIX, mas que foi escrito tendo em mente o incipiente processo de descolonização na África. Além disso, ao reiterar que a emancipação da África deveria ter sido e teria sido obra das próprias massas exploradas de africanos, James coloca no centro de sua reconstrução historiográfica a relação entre as massas de escravos no Caribe e as dos *sans-culottes* franceses, tendo em vista, neste caso, as perspectivas de desenvolvimento da relação entre os movimentos a ele contemporâneos de proletários africanos e aqueles de assalariados europeus.

Uma vez que a ciência da revolução exige o exercício constante da previsão, a dimensão do futuro também é buscada e projetada na análise do passado, procurando-se identificar nele os processos pelos quais oprimidos e explorados põem as premissas para as subseqüentes dinâmicas conflituosas e as antecipam.

Recorrendo ao exemplo de *The Black Jacobins*, é possível observar que a diferença de James em relação às correntes dominantes do marxismo consiste em demonstrar que o segmento proletário mais avançado dos processos revolucionários que atravessam a guerra mundial jacobina e antijacobina está nos escravos de plantação nas colônias indo-ocidentais. Alguns elementos - a produção imediata e exclusivamente para o mercado mundial; o grande número e concentração de escravos na plantação; o trabalho parcelado e executado em grupos; a repetitividade das tarefas; e a disciplina de ferro - permitem que James identifique nos escravos daquela que foi a colônia mais produtiva de todo o sistema colonial da época - ou seja, a Santo Domingo francesa - a seção do proletariado mundial que corresponde à exploração manufatureira mais intensa da época.

¹² C.L.R. James, *The Black Jacobins*, 1. ed. estadunidense, 1938, p. 11. Este tema também é retomado autobiograficamente por James em *Beyond a Boundary* e é válido para ele como um traço comum a toda uma geração de revolucionários e críticos da civilização vindos como ele de sociedades indo-ocidentais.

O proletariado produtivo das colônias, emancipando-se de suas correntes, impulsiona ulteriormente os *sans-culottes* e a plebe metropolitana, apoiando e formulando ideias e práticas que iam além das concepções e políticas vigentes da democracia burguesa. Não fosse pela Revolução Dominicana, os direitos humanos não teriam se aplicado aos escravos, como tinha acontecido nos Estados Unidos. Os escravos insurgentes são, portanto, os responsáveis pela universalização dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade proclamados na França em 1789. Em obras do mesmo período ou posteriores a *The Black Jacobins*, James, além de esboçar a história que conduz das culturas de resistência dos escravos antilhanos à destilação, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, de um pan-africanismo militante e teoricamente agressivo como uma das contribuições mais significativas das índias Ocidentais à civilização ocidental e ao processo de emancipação da humanidade em escala mundial, reconstrói o impacto da revolução haitiana na crise dos regimes escravistas americanos que força e acelera a transição de um regime manufatureiro para um regime industrial como a forma dominante em escala internacional de comando capitalista sobre o trabalho e a sociedade.

A processualidade histórica, portanto, nunca é ligada por James a uma objetividade fantasmagórica do desenvolvimento de genéricas forças produtivas, mas ao reconhecimento das lutas de classes como a base estrutural do capitalismo, e da revolução e mesmo das práticas proletárias cotidianas como as principais forças produtivas na modernidade¹³. A este respeito, deve ser enfatizado que, na avaliação da preparação e disponibilidade, por parte dos diferentes estratos e setores do proletariado e do mundo operário, para a participação direta e gestão de processos e lutas de transformação radical das relações sociais, não contam muito suas ideologias explícitas ou sua formalística consciência de classe. Mais importantes para entender a preparação e a disponibilidade para a luta são a análise das relações sociais cotidianas, produtivas e reprodutivas, nas quais os trabalhadores são socializados e que estão vinculadas ao grau de transformação capitalista do processo de trabalho concreto, ao nível de composição

¹³ Por exemplo, uma das principais críticas que James, na década de 1940, fez a Herbert Aptheker, o principal historiador stalinista das revoltas de escravos, é construir uma imagem do escravo como um mártir e herói, lidando exclusivamente com episódios de rebelião armada aberta e omitindo as práticas cotidianas de desaceleração e sabotagem do trabalho e a própria criação de relações sociais que permitiam aos escravos manter sua humanidade em condições desumanas. Este tema será desenvolvido pelo discípulo político de James, o historiador e militante George Rawick, cuja importante obra historiográfica é completamente jamesiana na concepção.

orgânica do capital e da posição de um dado segmento produtivo na divisão internacional do trabalho. Essa avaliação também desempenha um papel decisivo no apresto definitivo da estratégia política de James, segundo a qual a revolução socialista é possível na medida em que as relações sociais e as relações de produção e reprodução socialistas são desenvolvidas dentro das próprias formações sociais capitalistas.

O fato de que a imaturidade ou maturidade para a transformação socialista não depende de ideologias explícitas não significa que James não preste atenção adequada às ideologias adotadas ou expressas pelos mundos proletários e, em um sentido ainda mais profundo e importante, a mentalidades e atitudes culturais formadas nesses mundos. À análise da socialização nos processos produtivos e reprodutivos corresponde a constante tensão de James para compreender os processos de adaptação e resistência elaborados nos mundos proletários - condicionados por formas de trabalho mais ou menos formalmente livres - para preservar e expressar sua afetividade e inteligência e para captar indícios da profundidade do sentimento de frustração, descontentamento e ódio que esta socialização produz e, portanto, da disponibilidade para alternativas radicais. Todas essas expressões não se traduzem linear e automaticamente em adesão explícita a princípios e ideias ligados à tradição do movimento operário e nem mesmo no recurso ao léxico político e cultural formado no decorrer do Iluminismo e, depois, da batalha socialista, comunista ou anarquista.

Nesta frente, James está claramente precedendo seu tempo, sabendo, desde os anos trinta, apreender nas manifestações religiosas e culturais, aparentemente longes da elaboração de políticas de classe, expressões e ferramentas forjadas ou adaptadas a partir de baixo, no conflito pela emancipação da opressão e da exploração. Para uma parte dos marxistas e de outras culturas políticas do movimento operário da época, fenômenos religiosos e similares eram descartados como mera falsa consciência e sinal de imaturidade política; ou ainda um reflexo de atavismo tribal e internalização de ideologias hostis ao movimento operário revolucionário. Em *The Black Jacobins*, James relata fragmentos de canções ligadas ao vodu haitiano que expressam o ódio dos escravos pelo sistema escravista e, em *History of Negro Revolt*, analisa o conteúdo revolucionário de movimentos milenaristas na África colonial da época¹⁴. É dentro desse mesmo quadro conceitual que tem que ser lido o interesse desenvolvido por

¹⁴ C.L.R. James, *A History of Negro Revolt*, 1938, pp. 82-85; na 2. edição de 1969 (sob o título de *A History of Pan-African Revolt*), pp. 96-100.

James, em sua estada de quinze anos nos Estados Unidos como militante clandestino, pela cultura popular - do cinema aos quadrinhos, passando pelas revistas e pela televisão - e pela análise das formas de recepção, reinterpretação e influência de e sobre as mesmas que o público proletário exprime e exerce¹⁵. Em qualquer caso, como observa James, devem ser sempre tidas em conta as conseqüências da dupla pertença aos processos de produção e de reprodução, além da diferença entre a socialização na esfera pública, por um lado, e nos circuitos de trabalho e de gestão cotidiana concreta, por outro:

uma investigação cuidadosa por observadores treinados e a experiência da fábrica por operários competentes mostram que as idéias políticas dos operários são uma coisa, as respostas profundas ao seu trabalho [...] são outra [...] os mesmos operários que expressam sentimentos conservadores ou mesmo reacionários, enquanto estão em discussão políticas gerais, mudarão imediatamente de curso quando se trata do seu trabalho cotidiano e expressarão sentimentos com as maiores implicações revolucionárias concebíveis¹⁶.

O método de trabalho do *Correspondence Publishing Committee*, o grupo fundado por James após a ruptura definitiva com o trotskismo¹⁷, consistia em fazer “discutir os intelectuais sobre o que os operários haviam sugerido, em vez de fazer com que os operários discutissem o que os intelectuais tinham proposto”¹⁸, como acontecia e geralmente acontece em organizações políticas. O grupo estimulou a redação de autobiografias operárias, como *The American Worker*, de Paul Romano¹⁹, e editou o

¹⁵ No que se refere à teoria estética desenvolvida por James, deve-se lembrar seu claro distanciamento de qualquer tentativa de subordinar a produção artística às necessidades ideológicas. Ao mesmo tempo, ele afirma a existência de uma relação profunda e complexa entre a obra capaz de dar expressão a conflitos fundamentais e latentes na sociedade, por um lado, e o público a que a obra se dirige, o qual, de forma alguma, se enquadra como espectador/leitor indiferenciado e mero receptor passivo da mesma, do outro lado. Neste sentido, a posição de James se distancia das interpretações adornianas e francofortianas da arte e da música como mera expressão de fetichismo de mercadoria e manipulação de massa.

¹⁶ C.L.R. James, *American Civilization* (trabalho dactilografado de 1950), 1. ed. 1993, p. 167.

¹⁷ A partir de 1942, James, junto com Raya Dunayevskaya, criou uma facção interna do cisionista *Workers' Party* (WP), a chamada “tendência Johnson-Forest” (*Johnson-Forest tendency*), a partir dos pseudônimos usados respectivamente por James e Dunayevskaya, que haviam empreendido uma exigente releitura da dialética marxista e da situação de classe internacional contemporânea e elaborado uma crítica radical das burocracias do partido em favor da iniciativa proletária autônoma. O trabalho de ajuste teórico da *Johnson-Forest tendency* culmina em importantes documentos e manuscritos: *The Balance Sheet* (1947), *The Invading Socialist Society* (1947), *Notes on Dialectics* (1948), *Notes on American Civilization* (1950), *State Capitalism and World Revolution* (1950)) Em 1950, a tendência Johnson-Forest termina definitivamente com o trotskismo e, em 1951, forma o *Correspondence Publishing Committee*.

¹⁸ Martin Glaberman, Introdução, em C.L.R., James, *Marxism for Our Times* (1999, p. xviii-xix).

¹⁹ Paul Romano (pseudônimo de Phil Singer), *Life in the Factory*, em Paul Romano e Ria Stone (pseudônimo de Grace Lee Boggs), *The American Worker*, (1946). A parte do livro escrita por Paul

jornal *Correspondence*, que se inspirava em seu título no movimento de correspondentes operários na primeira fase da revolução russa e que reproduzia extensivamente nas suas páginas depoimentos e reflexões de operários e proletários que os redatores - muitas vezes operários, como o diretor - iam coletando, cadernos nas mãos²⁰.

Após a despedida política definitiva de sua atormentada e complexa militância de quinze anos como dirigente da Quarta Internacional e líder de grupos e correntes nos partidos laboristas britânicos e trotskistas estadunidenses, o ponto de chegada da reflexão jamesiana sobre o papel da organização política e sua prática organizativa está representada por uma clara ruptura com a concepção de partido de vanguarda em favor de organizações de apoio à iniciativa autônoma dos diferentes estratos proletários²¹, fossem eles operários, afro-americanos, mulheres ou estudantes proletários e proletarizados²². Cada um desses estratos proletários teria que buscar e construir suas próprias formas autônomas de luta para enfrentar os modos específicos de opressão que os afetam, trazendo assim a luta pela emancipação humana para dentro do próprio corpo

Romano foi traduzida em italiano por Danilo Montaldi, sob o título de *L'operaio americano*, contribuindo para influenciar a formação teórica dos chamdos operaístas italianos dos anos 1960 (ROMANO, 1954).

²⁰ George Rawick lembra: «Uma das chaves [para compreender] o pensamento de James é o seu intenso interesse pelos problemas da psicologia humana, da psicologia do indivíduo como pessoa do seu tempo [...] O interesse de James para a personalidade humana permeia sua conversa diária [...] James constantemente faz perguntas como: 'de onde você vem?' - 'o que sua mãe e seu pai faziam?' 'você morava em uma fazenda? Como vocês ordenhavam as vacas, manualmente ou com máquina? Quantas vacas por dia? O que vocês ainda faziam na fazenda? Sua família ganhava muito dinheiro? Seu pai tinha que trabalhar em um posto de gasolina para sobreviver? O que você está fazendo agora?' 'você trabalha em uma fábrica de automóveis? o que exatamente você faz? Como estão as condições de trabalho? Os banheiros estão limpos? Quantos intervalos vocês têm durante o dia?'. George Rawick, *Personal Notes*, em P. Buhle (1986, p. 232-236, p. 233-234).

²¹ James especifica que “não dizemos que um partido não pode ser formado, ou que uma organização não pode ser formada. Certamente podem ser. Mas a ideia de se apresentar como partido revolucionário com doutrinas e ideias, sem as quais não se pode fazer revolução alguma, [...] como partido de vanguarda, isso acabou”. Stuart Hall, *A Conversation with C.L.R. James*, em Grant Farred (1996, pp. 15-44, p. 31). James sempre reiterou que as massas podem precisar recorrer a alguma orientação para certas tarefas organizacionais, educacionais e técnicas, mas que não precisam de liderança que ensinem para elas o desejo de liberdade, igualdade e conhecimento.

²² A partir da segunda metade da década de 1940, James identificou a maturidade para um movimento de mulheres autônomo, julgando a profundidade e o alcance revolucionário da luta pela emancipação de gênero igual àquelas dos operários pela emancipação do trabalho assalariado e dos afro-americanos contra o racismo. Veja, por exemplo: C.L.R. James, *American Civilization*, (1993, p. 211-225). Será uma militante do grupo *Correspondence*, Selma Deitch, que, em 1955 se casará com James, a aprofundar o debate feminista a partir de 1952, com o panfleto *A Woman's Place*, publicado por *Correspondence*. Em 1972, Selma James, junto com Maria Rosa Dalla Costa, lançará a campanha internacional para o salário para o trabalho doméstico e de cuidado que influenciará o feminismo radical a partir da década de 1970. *Correspondence* também antecipa os tempos ao publicar um panfleto que relata o testemunho de um jovem estudante de uma família proletária no Brooklyn sobre seu cotidiano na escola e seus desconfortos que levaram a uma greve estudantil: Arthut Bauman (as told to Paul Wallis), *Artie Cuts Out*, New York, Jaguar Press, 1953.

da classe e, de fato, reconhecendo que a luta de classe começa primeiro dentro do mesmo mundo proletário e da personalidade dos indivíduos que o compõem.

É preciso dizer que essa abordagem do trabalho político é antecipada na atividade de James como militante do pan-africanismo revolucionário e, portanto, precede em pelo menos quinze anos a ruptura com o trotskismo e com a concepção do partido de vanguarda. No nível do método do trabalho político, deve-se notar uma continuidade que até agora não foi tematizada na já extensa literatura crítica sobre James.

Desde a fundação, em 1935, do *International African Friends of Abyssinia* (IAFA) e a posterior criação, em 1937, do *International African Service Bureau* (IASB), James reitera que a emancipação dos abissínios, dos africanos em geral e dos afro-americanos deve ser obra dos mesmos, que, embora considerados atrasados, saberão se organizar de forma independente para a luta e para a reconstrução de suas sociedades e comunidades. O próprio IASB - como anteriormente o IAFA - era programaticamente “uma organização africana, dirigida apenas por africanos. Ela serve como câmara de compensação e centro de informações sobre tópicos que afetam africanos e povos afrodescendentes”²³. As duas organizações, portanto, não se propunham subir a funções de vanguarda, mas realizar atividades de agitação e fornecer ferramentas de formação e canais de comunicação para apoiar as lutas em curso, facilitando também as relações com grupos de simpatizantes proletários não africanos ou afro-americanos, mesmo criticando qualquer tentativa de subordinar a luta revolucionária pan-africanista às organizações majoritárias ou minoritárias do movimento operário e suas flutuações ou disputas sectárias. Por exemplo, James e outros membros do IASB criticaram e se opuseram à política das Frentes Populares quando a Internacional stalinista exigiu que as chamadas Grandes democracias fossem apoiadas contra os fascismos. Não apenas como militante trotskista, mas sobretudo como militante pan-africanista marxista revolucionário, James não desistiu de atacar as grandes potências coloniais que coincidiam precisamente com as "grandes democracias", assim como havia denunciado o fornecimento de petróleo à Itália pela URSS durante a guerra na Etiópia²⁴.

²³ Estas informações foram publicadas na edição de setembro de 1938 da revista “Fact”, na qual apareceu *A History of Negro Revolt*.

²⁴ Mesmo às vésperas e durante a Segunda Guerra Mundial, quando se encontra nos Estados Unidos, James não aceitará compromissos partidários. A linha derrotista de James se articulará em dois níveis: um voltado para os operários e os membros do partido, indicando o caráter capitalista de todas as potências no campo, incluindo a URSS, e demonstrando que a Alemanha não teria podido vencer a guerra; a outra

A experiência e o plano de trabalho desenvolvido pelo IASB serão explicitamente propostos por James como plataforma operacional do *Socialist Workers' Party*, o partido trotskista americano, em relação ao chamado *Negro problem* nos Estados Unidos, durante as conversas que James manteve com Trotsky no 1939 em Coyoacan, no México. Ambos os líderes, apesar de mal-entendidos e hesitações de Trotsky²⁵, concordarão em reconhecer como correto o apoio ao estabelecimento de organizações independentes para afro-americanos, identificando no proletariado afro-americano o setor mais oprimido e discriminado da classe trabalhadora e, portanto, menos sujeito ao sectarismo e ao oportunismo, e rejeitando como regressiva a linha defendida pela Internacional Comunista que consistia em exigir um estado separado para os afro-americanos²⁶. Em suma, James, com base em sua atividade de militante nos

dirigida à população afro-americana, para a qual a atividade de propaganda derrotista de James será verdadeiramente intensa. Por exemplo, em um panfleto, distribuído por dez centavos de dólar, escrito sob o pseudônimo de *Native Son* (tirado do título do romance de Richard Wright, com o qual James colaborava), James finge ser um trabalhador negro apatidário que conversa com amigos e com Roosevelt: “Meus amigos, por que o presidente quer que combatemos? Ele e todos os que escrevem nos jornais dizem que é para defender a nossa democracia. Nossa democracia! Meus amigos, quando ouvi isso, ri por dez minutos. Sim, eu ri. E vou lhe dizer porquê. Era porque eu estava com tanta raiva que, se não tivesse rido, teria quebrado o rádio. E o rádio me custou 4 dolares na casa de penhores e eu não queria quebrá-lo. Diga-me, senhor presidente, que democracia devo defender indo combater contra Hitler? Hitler é um criminoso abominável e deveria ser varrido da face da terra. Mas eu não tenho nenhuma democracia e a democracia que não tenho não foi Hitler que a tirou de mim. Eu conheço todos que tiraram a democracia de mim e da minha gente. São Cotton Ed Smith, o senador Bilbo, o vice-presidente Garner, todos eles apóiam você, presidente Roosevelt [...] Existem milhares de outros cujos nomes não sei. Eles lincharam a mim e a minha gente, dando-nos os empregos mais sujos, com os piores salários, segregando-nos [*Jim Crowing us*], tirando os impostos que nós pagamos para usá-los para ensinar crianças brancas a nos tratar pior do que tratam seus cães. Eles fizeram tudo isso antes que Hitler nascesse, o estão fazendo agora e o farão por muito tempo depois que Hitler estiver morto, até que nós mesmos negros acabemos com isso”. *Native Son* (pseudônimo de C.L.R. James), *“My Friends”: A Fireside Chat on the War* (junho de 1940), em C.L.R. James, *C.L.R. James on the “Negro Question”* (1996, pp. 17-22). A atividade de James não se limitava à propaganda: em 1942, James estava no Missouri entre os organizadores da greve dos colhedores de algodão (até 1940 ainda o principal item de exportação dos Estados Unidos). A greve é um dos primeiros exemplos da quebra da proibição governamental de greves durante a guerra, proibição pedida e apoiada também pelo Partido Comunista dos Estados Unidos; esta greve precede em alguns meses a explosão das greves selvagens da *United Mine Workers*.

²⁵ No que diz respeito à relação com Trotsky, embora admirasse profundamente sua personalidade, James nunca aceitou suas posições acriticamente, atendo-se ao princípio da “frente leninista unida [...] que defendia que, nunca, em nenhuma circunstância, o direito de crítica deve ser revogado”. C.L.R. James, *World Revolution 1917-1936. The Rise and Fall of the Communist International* (1937, p. 173). James não concordaria nem então nem subsequentemente em colaborar com líderes políticos que se esquivassem ou reprimissem as críticas. Essa também será a principal crítica que ele fará a Kwame Nkrumah em C.L.R. James, *Nkrumah and the Ghana Revolution* (1977).

²⁶ C.L.R. James, *Discussions with Trotsky* (1939), em C.L.R. James, *At the Rendezvous of Victory* (1984, pp. 33-64). Apesar dos esforços de James, a questão negra continuará sendo um problema sem solução dentro do *Socialist Workers' Party* (SWP), que, diante do problema da atitude a tomar em relação à URSS nas vésperas e durante a Segunda Guerra Mundial, cindiu-se: enquanto Trotsky (antes de ser assassinado), Cannon e a maioria do SWP apoiaram a entrada na guerra em defesa da URSS como um suposto Estado operário, C.L.R. James aderiu ao dissidente *Workers' Party* (WP), que sustentava o derrotismo.

Estados Unidos, desenvolverá ainda mais a plataforma discutida com Trotsky, reconhecendo o papel de vanguarda das massas do proletariado afro-estadunidense como elo entre a classe trabalhadora mais avançada socialmente do mundo – aquela estadunidense -, por um lado, e as populações submetidas ao domínio colonial ou discriminadas como minorias, sempre a nível mundial, por outro. Nos mesmos anos, James amadureceu definitivamente a ideia da validade do método experimentado em sua militância pan-africanista também para o trabalho político com a classe operária.

Deste ponto de vista, aplicando a James sua própria análise da relação entre líderes e massas, pode-se dizer que é seu próprio contato operacional com as massas afro-estadunidenses, e também africanas e indo-ocidentais, que empurra a sua análise e a coloca em rota de colisão com um estreito conceito e prática de partido de vanguarda, que caracterizavam o sectarismo no qual se agitava o movimento trotskista internacional, em particular, e a esquerda marxista revolucionária não alinhada com o stalinismo, em geral.

Autonomia proletária e socialismo como realização do indivíduo social

A identificação do papel ativo das massas proletárias e das suas formas autônomas de atividade é sustentado por James contra o stalinismo e a negação teórica e a repressão que este fará ao programa leniniano. James aderiu a este programa e reiterou continuamente que “as novas relações de trabalho em uma sociedade socialista não podem ser elaboradas a não ser pelos próprios operários, aos milhões, por tentativas e erros”²⁷. Essas relações transcendem, precedem e continuam além da luta contra o stalinismo.

Na verdade, o tema recorrente que permeia todo o trabalho de James - seja em *The Black Jacobins*, *World Revolution*, *American Civilization*, *Mariners, Renegades and Castaways*, *Nkrumah and the Ghana Revolution* ou outros - é a reflexão sobre a relação entre a luta de classes a partir de baixo e a luta de classes a partir do alto, entre as práticas políticas das massas proletárias e a autonomização do político. Essas relações são, no capitalismo, a expressão do antagonismo que se torna cada vez mais claro, profundo e generalizado, entre duas dinâmicas radicalmente opostas: a dos tempos de vida e da capacidade de organizar autonomamente o trabalho e a reprodução

²⁷ C.L.R. James, *American Civilization* (1993, p. 170).

social, por um lado, e a da administração do movimento automático do capital como acumulação para acumulação e produção para produção, por outro lado.

James está ciente de que o trabalho associado existe há milênios fora da relação com o capital e que, enquanto este último depende estruturalmente de uma extração cada vez maior de trabalho excedente, o primeiro continua, embora de forma fragmentada, a se reproduzir na malha da organização capitalista do trabalho, resistindo a ela ou mesmo apoiando-a se necessário. A própria repressão do trabalho além de certos limites leva à desorganização da cooperação capitalista do trabalho, como ele havia aprendido com os relatos de Souvarine a respeito da Rússia stalinista, com as histórias de seus amigos e colaboradores/companheiros operários ou com a observação da África do Sul. Mas, acima de tudo, o potencial do trabalho associado vem amadurecendo seu grau de socialização e se entrelaçando, de forma não linear, com as dinâmicas de reprodução e crise do capital. Por esta razão, mesmo na análise do desenvolvimento do capital, a atenção de James está sempre focada no que poderia ser chamado de um processo de aprendizagem em massa pela classe operária e pelo proletariado na luta permanente para obter o controle dos processos de produção e reprodução.

Ao mesmo tempo, James está ciente de que as pressões destrutivas ligadas ao capitalismo se fortalecem e tendem a sair do controle social quanto mais o capitalismo se torna maduro, se concentra em cartéis e tende ao planejamento, ao mesmo tempo generalizando e aguçando as contradições do capitalismo e das relações de poder. Este antagonismo, nos pontos mais altos alcançados pelo desenvolvimento do capital e pela luta de classes, apresenta-se como uma alternativa entre o socialismo e a barbárie do capital que atingiu seu estágio de centralização em escala continental e tendencialmente global. Com base nas análises de Marx e Engels, relativas à passagem das fases caracterizadas pela prevacente concentração do capital para as fases de crescente centralização do mesmo e naquelas de Lênin relativas às classes intermédias, James afirmar, desde o fim do anos Trinta, o caráter capitalista das relações de produção e o caráter fascista do Estado na Rússia stalinista. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, ele escreverá que, para além da competição pelo poder mundial, os dois capitalismo integrados a nível continental, ou seja, o russo e o estadunidense, iriam de fato colaborar sempre que surgisse a ameaça de um processo revolucionário proletário e que o principal inimigo era, aos olhos dos dois imperialismos, o próprio proletariado de cada

um deles. É claro que, se, por um lado, a última posição não era fácil de elaborar e sustentar no início da fase mais aguda da Guerra Fria, por outro, ela descendia da primeira, também complexa para ser elaborada e perigosa para ser sustentada por um líder revolucionário nos anos do terror stalinista desencadeado em escala internacional²⁸.

No entanto, para James, a capacidade proletária de retomar a iniciativa na luta de classes manifestara-se ao longo da guerra mundial e o movimento de aprendizagem em massa continuara no auge da Guerra Fria, nas colônias, nos próprios países industrializados europeus, em ambos os lados da Cortina de Ferro. Embora nunca cedendo a hipóteses de adesão instrumental aos partidos comunistas e sempre permanecendo crítico radical do stalinismo e do capitalismo de estado, James destacou a diferença entre o stalinismo na Rússia e o stalinismo dos partidos comunistas da Europa Ocidental, precisamente a partir dos diferentes processos políticos-culturais que atravessavam as diferentes seções nacionais da classe operária envolvida. O problema é colocado por James em seu importante manuscrito de 1948 sobre dialética: “Este apoio ao stalinismo pelos operários é um fato objetivo [...] O fenômeno do stalinismo requer que você o tome como um impulso vindo pelo baixo e o incorpore nas suas categorias [...] Os operários [...] não estão sendo enganados. Não no sentido sério da palavra. Eles estão fazendo uma experiência necessária para o seu próprio desenvolvimento”²⁹. James pensava que a mobilização política do proletariado estadunidense, liderado pela vanguarda das massas afro-estadunidenses, teria resolvido o impasse em que se

²⁸ A análise de James sempre foi minoritária no âmbito trotskista. Ela estava próxima daquela de Boris Souvarine, cujo importante e poderoso estudo sobre a revolução russa e Stalin, publicado na França em 1935, James tinha traduzido para o inglês em 1938. Enquanto os estudiosos de James têm repetidamente enfatizado a importância para a evolução de James de seu encontro e estudo dos clássicos da historiografia francesa da revolução de 1789, eles nunca prestaram até agora atenção à influência decisiva que Souvarine e os militantes e teóricos próximos a ele exerceram sobre James. Esta influência chegou a preocupar seriamente Trotsky que, em dezembro de 1939, escreveu e fez circular seu *A Petty-Bourgeois Opposition in the Socialist Workers Party*. O documento criticava explicitamente as posições de Burnham e Schachtman, mas, na parte do documento intitulada *The ABC of Materialist Dialectics*, ele atacava C.L.R. James sem nomeá-lo porque James estava já operando em clandestinidade. Estes documentos de Trotsky foram publicados pela primeira vez em 1942 (TROTSKY, 1942), mas, na maioria das edições posteriores de *The ABC of Materialist Dialectics*, o texto é descontextualizado, omitindo a frase inicial de Trotsky: “Céticos gangrenosos como Souvarine acreditam que ‘ninguém saiba’ o que é dialética. E há ‘marxistas’ que genuflexam com reverência diante de Souvarine e esperam aprender algo com ele [...] Infelizmente, há uma corrente de souvarinismo na atual oposição ao SWP. E aqui é necessário alertar os jovens camaradas: cuidado com esta infecção maligna!”. Minha hipótese é que este é um estímulo não secundário para James escrever *Notes on Dialectics* - por alguns críticos tida como a maior obra de James, junto com *The Black Jacobins* e *Beyond a Boundary* -, na qual ele confronta essas críticas de Trotsky ao souvarinismo.

²⁹ C.L.R. James, *Notes on Dialectics: Hegel and Marxism*, 1966, p. 22.

encontravam as classes trabalhadoras europeias, especialmente a italiana e a francesa: processo que, com as devidas mediações, acontece na década de 1960, quando a iniciativa operária na Europa se subtrai da tutela dos partidos comunistas e dos sindicatos.

De qualquer forma, o capitalismo industrial e o regime de fábrica que se espalha nas esferas reprodutiva e cultural assumem traços que James nos anos 1950 chama de “totalitários”, cujo efeito é fragmentar e impedir a expressão da capacidade reorganizadora da sociedade pelo proletariado e por uma humanidade livre, traíndo os profundos impulsos cosmopolitas e civilizatórios inerentes à antagônica cultura ocidental³⁰. Na introdução do manuscrito *American Civilization*, James escreve: “Neste volume, os regimes do hitlerismo e do estalinismo foram identificados sob a denominação comum de *totalitarismo*. É preciso entender que isso não implica nenhuma identidade dos regimes. A caracterização foi feita apenas para sublinhar as consequências sociais últimas de qualquer tipo de regime que não se desenvolva em linhas de cooperação criativa, desenvolvendo o espírito criativo das massas”³¹.

Em *American Civilization* e outros escritos do período ou posteriores, James estuda as tendências totalitárias na sociedade dos EUA relacionadas ao regime fordista, mas o impacto destrutivo do capitalismo já tinha sido analisado por James na década de 1930 em suas análises do sistema escravista nas Américas e do imperialismo na África contemporânea³². Tanto nas Antilhas do século XVIII quanto nas possessões coloniais africanas, o motivo dos crimes cometidos era, para James, o mesmo que ele brandia para denunciar o totalitarismo inerente ao capitalismo nos países altamente industrializados: “O imperialismo vangloria-se da exploração das riquezas da África

³⁰ Para James, a cultura ocidental não é apenas uma herança e tradição europeias, mas um resultado *in fieri* de formações culturais igualmente *in fieri*, que interagem entre si, mas dotadas de peculiaridades suas próprias de adaptação à modernização capitalista, de modo que James falava de civilizações africana, europeia, americana (isto é, estadunidense) e indo-ocidental, sendo que, nas duas últimas, a contribuição das culturas afro-americanas não é de forma alguma subestimável.

³¹ C.L.R. James, *American Civilization*, 1993, p. 39.

³² Quanto à escravidão de plantação nas Índias Ocidentais, em *The Black Jacobins* James apresenta a mesma acusação e crítica, que mais tarde ele estenderá a todo o capitalismo de Estado, ou seja, sua disponibilidade de degradar, corromper, reprimir e suprimir trabalhadores/as e proletários/as sempre que necessário, independentemente de eles serem a fonte da riqueza dos capitais individuais ou, dado o nível de centralização alcançado pelo capital, de inteiras seções nacionais do mesmo: “os escravos continuavam sendo todavia e invencivelmente seres humanos, com toda a inteligência e com todos os ressentimentos dos seres humanos. Reduzi-los por intimidação à docilidade necessária e à aquiescência desejada pelo patrão exigia a observância de um regime de brutalidade e terrorismo, e isso explica o insólito espetáculo dos proprietários que, aparentemente, não se importaram muito em preservar a integridade dos seus bens: em primeiro lugar, de fato, eles deviam cuidar da própria segurança”. C.L.R. James, *The Black Jacobins*, 1. ed. estadunidense, 1938, p. 5.

fazendo-a passar por um benefício da civilização. Na realidade, dada a própria natureza do seu sistema de produção com fins lucrativos, o imperialismo sufoca a verdadeira riqueza do continente: a capacidade criativa dos africanos”³³.

A reflexão teórica e política sobre as condições de possibilidade para o desenvolvimento das potencialidades individuais na coletividade é de importância primária no pensamento de James e caracteriza sua declinação do marxismo em um sentido distintamente alternativo aos marxismos dominantes no século XX, mais concentrados - se não exclusivamente interessados - nos aspectos objetivos dos processos sociais. A mesma reivindicação de igualitarismo cumpre em James a função de condição de possibilidade do desenvolvimento individual e coletivo. A caracterização do socialismo como plena realização da democracia, como governo da sociedade - e, portanto, também das relações de produção - por toda a população é também condição e corolário do próprio socialismo como a realização prática do que James chamou, com a expressão trazida do léxico do contexto sociocultural das Índias Ocidentais, de “boa vida” [*good life*] ou “luta pela felicidade” [*struggle for happiness*], expressão esta última tomada de empréstimo da cultura americana. Para James, a boa vida e a luta pela felicidade não têm a ver com a mera satisfação das necessidades materiais, mas com a luta por uma integração crescente das diferentes esferas da vida sob controle individual e coletivo.

Que o que as pessoas querem seja o 'pleno emprego', 'melhores condições de trabalho', 'mais conforto', 'segurança' - esta é uma doutrina que reduz a humanidade ao nível de cavalos e vacas com instinto de serem treinados. [...] os operários da indústria e o futuro deles são a base de todo o edifício. Os operários industriais, os operários do setor automotivo, os mineiros, ferroviários, marítimos, da borracha, mais os milhões que não estão organizados querem dirigir e organizar o trabalho que estão fazendo sem interferência ou supervisão de ninguém. [...]”³⁴.

Quando os planos de produção são elaborados, os homens e o trabalho têm que se adaptar a esses planos, mas esses homens não são autômatos ou escravos antigos. Eles são alfabetizados, educados, são seres humanos altamente sensíveis que foram educados não só nas escolas mas pelo imenso processo educativo que é a vida moderna [...] Dia após dia o conflito prossegue, pode diminuir mas está sempre lá, presente na mente de cada operário, a luta para impedir de ser convertido completamente em uma mera peça da máquina [...] Essa é a individualidade moderna, mas essa é uma individualidade que só pode se expressar em comum com milhares de outras³⁵.

³³ *Ibid.*, p. 316.

³⁴ C.L.R. James, *American Civilization*, cit., p. 166-167.

³⁵ *Ibid.*, Pp. 168-169. “Eu acredito no instinto de sobrevivência da humanidade e que esta é a única maneira por meio da qual ela pode sobreviver. O mundo moderno está se organizando cientificamente a

Para James, os imperativos da produção para a produção têm se mostrado definitivamente falidos do ponto de vista da espécie humana; as tendências destrutivas - da criatividade coletiva, mas também das vidas -, inerentes ao capitalismo e inevitáveis nele, obviamente continuam a ter seu fulcro no comando capitalista sobre o trabalho, atual e potencial, presente e futuro, e em suas formas de organização, mas, necessariamente, também se estendem, ainda que em diferentes graus e formas, a todos os estratos sociais, alguns dos quais são transversalmente - mas não necessariamente de forma homogênea - discriminados e oprimidos por raça, gênero e idade.

A lição de James é que cada grupo social oprimido deve encontrar sua própria emancipação, em primeiro lugar, com base em suas próprias forças e em seu próprio tempo e maneira, aprendendo, por um lado, que não pode haver emancipação se esta não for emancipação de todos os outros grupos oprimidos e explorados e, por outro lado, que nenhuma fuga definitiva da pré-história é possível sem a reorganização coletiva, a partir de baixo, do processo de trabalho e das relações de produção. Por esta razão, mesmo em contextos industriais tardios, James pensa na relevância persistente da ditadura do proletariado contra a ditadura do capital³⁶. Este exercício de democracia substancial pelo proletariado é imediatamente uma luta pela superação da divisão em classes da sociedade.

A impressão de uma inclinação de James para o espontaneísmo e para uma espécie de fé na inevitável expressão política independente da classe trabalhadora e do proletariado deve levar em conta a complexidade da contribuição política de James e sua constante tensão para compreender o movimento da classe operária e dos outros

uma velocidade tal que deve ser governado de uma forma totalitária ou por uma nova concepção de democracia além de tudo que conhecemos [...] Se as massas não podem governar, então ninguém pode. [...] Esta é uma análise objetiva [...] Não haverá paz, não haverá fim da crise, não há paraíso diante da gente. *Precisarão muitos e muitos anos antes que todo o mundo seja reorganizado*, e qualquer um que acredite ou afirme acreditar que existe alguma chance de sair da crise em escala mundial sem sangue, sofrimento, lutas árduas, nacional e internacionalmente, quem quer que diga isto é um charlatão ou um tolo, mais provavelmente o primeiro” *Ibid.*, p. 276-277.

³⁶ A diferença entre democracia formal e democracia proletária substantiva - e a possibilidade e atualidade desta última, mesmo em contextos industriais tardios - é resumida de forma eficaz por James: "Quando dez mil professores, contadores, escritores e palestrantes como eu mesmo, e editores e, assim por diante, votam, os votos deles são dez mil; e eles podem ganhar mais mil e ter onze mil votos e derrotar dez mil operários nas votações. Mas, quando uma luta revolucionária está em andamento, esse grupo de trabalhadores toma a ferrovia, o outro a frente do porto, o outro desliga a eletricidade, o outro bloqueia os transportes; os professores etc.. só podem fazer um pouco de barulho, mas não podem fazer nada: podem mandar as crianças para casa ou levá-las de volta ou algo assim. Em todas as lutas deste tipo, é o proletariado o dono da situação”. C.L.R. James, *Modern Politics*, 2. ed., 1973, p. 61.

grupos oprimidos, mesmo quando a paisagem parece imóvel. James, que sabia, como Melville, que “o seres humanos [...] vivem como vive a maioria dos indivíduos, não por meio de idéias, mas de suas emoções, tentando evitar o sofrimento e a miséria e lutando para a felicidade”³⁷, pouco antes de sua morte, lembrava:

Não estou preocupado com o fato de que a ideia de assumir o poder, mesmo sobre uma parte da sociedade, assuste as pessoas. Hoje é um fato enorme. Minha opinião é que as pessoas aprendem a carregar esses fardos apenas quando *precisam*. O gênero humano não se atarefa porque quer, porque seria bom, mas porque se depara com uma situação em que *é obrigado*. Isso, acredito, já aconteceu no passado e, em última análise, nos depararemos com isso como expansão da democracia³⁸.

Notas para a biografia de C.L.R. James

Cyril Lionel Robert (C.L.R.) James nasceu em Trinidad em 4 de janeiro 1901, em uma família da reduzida pequena burguesia negra da colônia. A vida familiar é marcada por uma austera oralidade puritana. O pai é professor e a mãe leitora incansável. Por sua vez, leitor voraz desde criança, aos dez anos foi aprovado no concurso do *Queen Royal College*, previsto para os 14 anos e, posteriormente, ganha uma bolsa para o exclusivo *Government College*, cujos professores vêm diretamente de Oxford e Cambridge. Aos dezoito anos, é também um dos mais promissores jogadores de críquete de Trinidad, esporte que, para ele, será uma arena de aprendizagem política e, em *Beyond a Boundary*, uma de suas obras-primas, será a lente refrativa através da qual ele lerá as relações entre a colônia e a metrópole, a arte clássica e a cultura vitoriana.

Em 1932, ele parte para a Inglaterra, onde permanecerá até o final de 1938. A viagem e a permanência na Inglaterra significarão não só o encontro do jovem, educado nos mais elevados modelos britânicos, com o centro do Império, mas também a

³⁷ C.L.R. James, *Mariners, Renegades and Castaways: The story of Hermann Melville and the world we live in* (1953), 1. ed. britânica, 1985, p. 7.

³⁸ Jan HILLEGAS (inverno de 1986/87, p. 57): trata-se da tradução parcial em italiano de uma das duas entrevistas com C.L.R. James contidas na edição do livro de C.L.R. James *Every Cook Can Govern*, organizada por Jan Hillegas (1986). Esta tradução foi publicada na principal revista italiana de estudos históricos militantes de cunho operário, “Primo maggio”; uma parte dos fundadores desta revista tinham relações teóricas e políticas com os grupos organizados e animados por C.L.R. James nos Estados Unidos e na Grã Bretanha.

transformação decisiva de seus interesses da literatura à política. Em 1934, ele se torna membro do *Independent Labour Party*, intervindo nos órgãos de imprensa do partido e formando o chamado *Marxist Group* dentro dele. Em 1937, publica *World Revolution 1917-1936*, o primeiro trabalho sobre a história da Internacional Comunista em inglês. Em 1938, é publicada sua tradução para o inglês da poderosa e importante obra de Boris Souvarine sobre Stalin. Em setembro do mesmo ano, é um dos trinta delegados que, em Paris, fundam a Quarta Internacional.

Enquanto isso, em 1935, em face da agressão italiana à Etiópia, James tinha formado, junto com Yomo Kenyatta e Amy Ashwood-Garvey (mais tarde ingressará também George Padmore), a *International African Friends of Abyssinia* (IAFA), da qual James se torna presidente e cuja propaganda incessante virá a preocupar o governo fascista italiano. A vitória italiana na Etiópia não desmoraliza os membros da IAFA, que em 1937 relançam a experiência organizacional em uma escala mais ampla e duradoura, constituindo o *International African Service Bureau* (IASB), do qual George Padmore torna-se presidente e C.L.R. James, diretor do seu órgão de imprensa *International African Opinion*. O IASB incubará todos os movimentos que levarão à independência das colônias britânicas após a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, em 1938, James publica *The Black Jacobines*, agora reconhecido como um clássico da historiografia do século XX, que foi seguido no mesmo ano por *A History of Negro Revolt*.

Em novembro de 1938, James chega aos Estados Unidos, onde tinha sido convidado, como o maior especialista da Quarta Internacional em questões africanas, afro-americanas e coloniais, por James Cannon, secretário do *Socialist Workers' Party* (SWP), na época o maior partido trotskista do mundo, para resolver a chamada *Negro question*: James permanecerá nos Estados Unidos, exercendo intensa atividade como militante clandestino, até sua prisão em 1952 por atividades antiamericanas e sua saída dos Estados Unidos em 1953 para evitar a deportação compulsória.

Em 1942, James, junto com Raya Dunayevskaya, forma uma facção interna aos partidos trotskistas estadunidenses, a chamada “tendência Johnson-Forest”, que, em 1950, rompe definitivamente com o trotskismo e com qualquer concepção de partido de vanguarda e, em 1951, constitui o *Correspondence Publishing Committee*. Este último mantém articuladas conexões internacionais com experiências parcialmente semelhantes, como *Socialisme ou Barbarie* na França, e publica um jornal operário

original e inovador: *Correspondence*. Após sua saída dos Estados Unidos, James manterá intensa troca de cartas para orientar os integrantes do *Correspondence*, principalmente depois que Raya Dunayeskaya deixa o grupo, em 1955. James, à distância, e Martin Glaberman, Grace Lee e James Boggs, nos Estados Unidos, reorganizam as atividades do grupo, do qual nascerá a experiência política de *Facing Reality*, em 1962, e, em 1969, será formada em Detroit a *League of Revolutionary Black Workers*, que tentará radicalizar sobre posições operaristas a partir da revolta negra dos anos Sessenta.

Enquanto isso, o movimento anticolonial tinha crescido e Padmore, em Londres, havia continuado o trabalho político durante os anos 1940, completando a educação política de Kwame Nkrumah, um jovem africano que James tinha conhecido nos Estados Unidos, onde, diz Nkrumah, James o tinha treinado em “como se trabalha na clandestinidade». Em 1960, James, convidado por Nkrumah para celebrar a independência de Gana, terá a oportunidade de visitar a África e observar pessoalmente seus problemas específicos: ele não deixará de criticar a involução burocrática dos novos regimes pós-coloniais.

Em 1958, após vinte e seis anos de ausência da ilha, James retorna a Trinidad, onde Eric Williams³⁹, que tinha fundado, tornando-se seu líder, o partido independentista *People's national Movement* (PNM), o convida a se tornar diretor do jornal do partido, que James reorganiza publicando-o sob o título de *The Nation*. Trinidad alcança a independência em 1962, mas James havia sido e continuava a ser ativo na promoção de uma federação não alinhada das Índias Ocidentais. Enquanto isso, sua crescente discordância com o autoritarismo e oportunismo político de Williams e do PNM culmina, em 1965, com a prisão domiciliar de James e a retirada de circulação do seu *Modern Politics*.

Desde 1966, James viaja extensivamente entre África, Europa, Índias Ocidentais e Estados Unidos, para onde pode retornar sob pressão do movimento negro e onde, além de ser convidado para dar aulas e dar palestras em universidades de prestígio, dispensa conselhos políticos aos líderes e aos militantes mais radicais do

³⁹ Lembro que o mesmo clássico historiográfico de Eric Williams, *Capitalism and Slavery* (1944), foi escrito sob a direta influência de C.L.R. James. Até mais: de acordo com a testemunha oral de George Rawick, me repassada por Ferruccio Gambino, neste livro de Williams o capítulo final, o 12 - que quebra o andamento da exposição do livro até então focada nas contraposições de interesses das várias seções do capital britânico, concentrando-se sobre as respostas dos mesmos escravos à escravidão - foi escrito por C.L.R. James: ver WILLIAMS, 2. ed. 1994, pp. 289-304).

Black Power. Em 1974, James promove o sexto congresso pan-africano na Tanzânia, mas retira-se do congresso em protesto contra as restrições impostas aos delegados caribenhos por seus governos. Em 1976, tentará, sem sucesso, organizar um sétimo congresso pan-africano. A partir de 1981, se retira para o bairro de Brixton em Londres, onde trabalha na edição de suas obras anteriores e em novos livros que permanecerão inacabados.

C.L.R. James morre em 31 de maio de 1989 e é enterrado em Tunapuna, sua cidade natal em Trinidad, com um funeral secular oficializado de acordo com as suas disposições pelo *Oilfield Workers' Trade Union*, a única organização antilhana que James julga ser independente, auto-organizada e potencialmente revolucionária. Em seu túmulo, em forma de livro aberto, está escrita uma frase tirada de *Beyond a Boundary*: “Devia passar tempo, velhos impérios caírem e novos tomarem seu lugar, as relações entre países e as relações entre classes sociais teriam que mudar, antes que eu entedesse que não é a qualidade ou a utilidade dos bens que importa, mas o movimento; não é onde você está ou o que você tem, mas de onde você vem, para onde está indo e com que rapidez está chegando lá”.

BIBLIOGRAFIA

Principais obras de C.L.R. James

JAMES, C.L.R. **The Life of Captain Cipriani: an account of British Government in the West Indies**. 1. ed. Nelson (Lancs.): Cartmel & Co., 1932.

_____. **The Case for West-Indian Self-Government**. 1. ed. London: Hogarth Press, 1933 (este livro è uma publicação em separada de tres capítulos do livro anterior sobre Captain Cipriani).

_____. colaboração na redação do livro de CONSTANTINE, L. **Cricket and I**. 1. ed. London: P. Allan, 1933.

_____. **Toussaint Louverture. The Story of the Only Successful Slave Revolt in History. A Play in Three Acts**. 1. ed. London: manuscrito, 1934. O drama escrito por James estreou em 1936 em Londres, com o famoso ator afro.estadunidense Paul Robeson interpretando o papel de Toussaint L'Ouverture. O texto integral que se achava perdido, foi encontrado em 2005 e publicado com o mesmo título: _____. **Toussaint Louverture. The Story of the Only Successful Slave Revolt in History. A Play in Three Acts** [ed. by Christian Høgsbjerg]. 1. ed. Durham - London: Duke University Press, 2013.

- _____. **Minty Alley**. 1. ed. London: Secker & Warburg, 1936.
- _____. **World Revolution 1917-1936. The Rise and Fall of the Communist International**. 1. ed. London: Secker & Warburg, 1937.
- _____. **The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution**. 1. ed. London: Secker & Warburg, 1938; 1. ed. (nos Estados Unidos) New York: The Dial Press; 2. ed. (com nova prefação e o longo anexo "From Toussaint L'Ouverture to Fidel Castro") New York: Random House and Inc., 1963; 3. ed. (com nova prefação) London: Allison & Busby, 1980.
- _____. **A History of Negro Revolt**. 1. ed. London: Fact monograph n. 18 (September 1938), pp. 5-85. 2. ed. revisada e ampliada sob o título de: **A History of Pan-African Revolt**. Washington D.C.: Drum and Spear Press, 1969.
- _____. Tradução em inglês de SOUVARINE, B. **Stalin. A Critical Survey of Bolshevism**. 1. ed. London: Secker & Warburg, 1938; 1. ed. (nos Estados Unidos) New York: Alliance Book Corporation - Longsmam, Green & Co., 1939.
- _____. **The Invading Socialist Society** [co-autores: F. Forest (pseudônimo de Raya Dunayevskaya) e R. Stone (pseudônimo di Grace Lee)], Johnson-Forest Tendency, New York, 1947, 2. ed. Detroit: Bedwick Editions, 1972.
- _____. **Notes on Dialectics: Hegel, Marx, Lenin**. Texto dactilografado, Johnson-Forest Tendency, New York, 1947; publicado em seguida com o título de: **Notes on Dialectics: Hegel and Marxism**. 1. ed. Detroit: Friends of Facing Reality Publications, 1966.
- _____. **State capitalism and World Revolution**. Texto dactilografado, originalmente anonimo, depois como documento coletivo da Johnson-Forest Tendency, New York, 1950; 1. ed. Detroit - Welvyn Garden City: Maassen and Hughes, 1956, 2. ed. Detroit: Facing Reality, 1969.
- _____. **Notes on American Civilization**. Texto dactilografado, Johnson-Forest Tendency, New York, 1950; publicado em seguida com o título: **American Civilization**. 1. ed. Cambridge (Mass.) – Oxford: Blackwell, 1993.
- _____. **Mariners, Renegades and Castaways: The story of Hermann Melville and the world we live in** (1952), publicado privadamente em New York, 1953; 2. ed. (sem capítulo final) Detroit: Bewick Editions, 1978; 1. ed. (em Grã Bretanha, completa) London: Allison & Busby, 1985.
- _____. **Every Cook Can Govern. A Study of Democracy in Ancient Greece. Its Meaning for Today**. 1. ed. Detroit: Correspondence, 1956; republicado In: _____. **Every Cook Can Govern & What Is Happening Every Day: 1985 Conversations** (edited by Jan Hillegas). 1. ed. Jackson (Miss.): New Mississippi Inc., 1986; e In: **A New Notion. Two Works of C.L.R. James** (edited by Noel Ignatiev). 1. ed. Oakland (CA): PM Press, 2010, pp. 136-155.

- _____. **Facing Reality** [coautores: Grace Lee e Pierre Chaulieu (pseudônimo di Cornelius Castoriadis)]. 1. ed. Detroit: Correspondence, 1958; 3. ed. Detroit: Bewick Editions, 1973.
- _____. **Modern Politics**. 1. ed. Port of Spain: PNM Publishing Co., 1960; 2. ed. Detroit: Bewick Editions, 1973.
- _____. **Party Politics in the West Indies**. 1. ed. San Juan (Trinidad): Vedic, 1962.
- _____. **Beyond a Boundary**. 1. ed. London: Stanley Paul/Hutchinson, 1963.
- _____. **Nkrumah and the Ghana Revolution**. 1. ed. Westport (Conn.): Lawrence Hill and Co., 1977.
- _____. **The Future in the Present. Selected Writings**. 1. ed. Westport (Conn.) - London: Lawrence Hill & Co. - Allison & Busby Ltd., 1977.
- _____. **Spheres of Existence. Selected Writings**. 1. ed. Westport (Conn.): Lawrence Hill & Co., 1981.
- _____. **At the Rendezvous of Victory**. 1. ed. London: Allison & Busby, 1984.
- _____. **80th Birthday Lecturers**. 1. ed. London: Race Today Publications, 1984.
- _____. **Cricket** [ed. by Anna Grimshaw]. 1. ed. London: Allison & Busby, 1986.
- _____. **The C.L.R. James Reader** [ed. by Anna Grimshaw]. 1. ed. Cambridge (Mass.) – Oxford: Blackwell, 1992.
- _____. **Special Delivery: the letters of C.L.R. James to Constance Webb, 1939-1948** [ed. by Anna Grimshaw]. 1. ed. Cambridge (Mass.) – Oxford: Blackwell, 1995.
- _____. **C.L.R. James on the “Negro question”** [ed. by Scott McLemee]. 1. ed. Jackson (Miss.): University Press of Mississippi, 1996.
- _____. **Marxism for Our Times. C.L.R. James on Revolutionary Organization** [ed. by Martin Glaberman]. 1. ed. Jackson (Miss.): University Press of Mississippi, 1999.
- _____. **Letters from London: seven essays by C.L.R. James** [ed. by Nicholas Laughlin]. 1. ed. London: Signal Books, 2003.
- _____. **The Nobbie stories for children and adults** [ed. by Constance Webb]. 1. ed. Nebraska: University of Nebraska Press, 2006.
- _____. **A Majestic Innings. Writings on Cricket**. 1. ed. London: Aurum Press, 2006.
- _____. **You Don’t Play With Revolution: The Montreal Lectures of C.L.R. James**. 1. ed. Oakland (Ca.): Ak Press, 2009.

Estudos críticos sobre C.L.R. James (apenas os livros)

BOGUES, A. **C.L.R. James and Marxism**. 1. ed. London: Pluto, 1997.

BOGUES, A. **Caliban's Freedom. The Early Political Thought of C.L.R. James**. 1. ed. London: Pluto Press, 1997.

BUHLE, P. (ed.). **C.L.R. James. His Life and Work**. 1. ed. London-New York : Allison & Busby, 1986.

BUHLE, P. **C.L.R. James. The Artist as Revolutionary**. 1. ed. London-New York: Verso, 1988.

BUHLE, P.; WARE, L. (eds.). **The Young C.L.R. James. A Graphic Novelette** (Illustrated by Milton Knight). 1. ed. Oakland (CA): PM Press, 2018.

CRIPPS, L. **C.L.R. James: memories and commentaries**. 1. ed. New York – London: Cornwall Books, 1997.

CUDJOE, S.R. - Cain, W.E. (eds.). **C.L.R. James: His intellectual legacies**. 1. ed. Boston: The University of Massachusetts Press, 1995.

DHONDY, F. **C.L.R. James: Cricket, the Caribbean, and World Revolution**. 1. ed. London: Weidenfeld & Nicolson, 2001.

DOUGLAS, R. **Making The Black Jacobins. C.L.R. James and the Drama of History**. 1. ed. Durham - London: Duke University Press, 2019.

FARRED, G. (ed). **Rethinking C.L.R. James**. 1. ed. London: Blackwell, 1996.

FEATHERSTONE, D.; GAIR, C.; HØGSBJERG, C.; SMITH, A. (eds.). **Marxism, Colonialism, and Cricket. C.L.R. James's *Beyond a Boundary***. 1. ed. Durham - London: Duke University Press, 2018.

FORDICK, C.; HØGSBJERG, C. (eds.). **The Black Jacobins Reader**. 1. ed. Durham - London: Duke University Press, 2017.

GATTOLIN, F. **C.L.R. James il Platone nero**. 1. ed. Roma: Prospettiva Edizioni, 2002.

HØGSBJERG, C. **C.L.R. James in Imperial Britain**. 1. ed. Durham - London: Duke University Press, 2014.

KING, N. **C.L.R. James and creolization: circles of influence**. 1. ed. Jackson (Miss.): University Press of Mississippi, 2001.

MCCLENDON III, J.H. **C.L.R. James's *Notes on Dialectics. Left Hegelianism or Marxism-Leninism?***. 1. ed. London-Boulder-New York-Toronto-Oxford: Lexington Books, 2005.

NIELSEN, A.L. **C.L.R. James. A Critical Introduction**. 1. ed. Jackson (Miss.): University Press of Mississippi, 1997.

NORDQUIST, J. **C.L.R. James: a bibliography**. 1. ed. Santa Cruz: California Reference and Research Services, 2001.

QUEST, M. **C.L.R. James, Direct Democracy, and National Liberation Struggles**. PhD thesis, Providence (Rhode Island), Brown University, Department of American Civilization, 2008.

RENAULT, M. **C.L.R. James. La vie révolutionnaire d'un "Platon noir"**. 1. ed. Paris: La Découverte, 2016.

RENTON, D. **C.L.R. James cricket's philosopher king**. 1. ed. London: Haus Publishing, 2007.

ROSENGARTEN, F. **Urbane Revolutionary. C.L.R. James and the Struggle for a New Society**. 1. ed. Jackson (Miss.): University Press of Mississippi, 2008.

SMITH, A. **C.L.R. James and the study of culture**. 1. ed. Houndsmills Basingstoke (Hampshire): Palgrave Macmillan Ltd., 2010.

WORCESTER, K. **C.L.R. James. A Political Biography**. 1. ed. Albany: State University of New York Press, 1996.

YOUNG, J.D. **The world of C.L.R. James: the unfragmented vision**. 1. ed. Glasgow: Clydeside Press, 1999.

Outras referências bibliográficas mencionadas no artigo

BAUMAN, A. (as told to Paul Wallis). **Artie Cuts Out**. 1. ed. New York: Jaguar Press, 1953.

HILLEGAS, J. È possibile organizzarsi a Jackson, Mississippi? Intervista con C.L.R. James su organizzazione e democrazia. **Primo Maggio**, n. 26 (inverno de 1986/87), pp. 56-61.

JAMES, S. (sob pseudônimo de Marie Brant and Ellen Santori). **A Woman's Place**. 1. ed. Detroit: Correspondence, 1952.

LÉVI-STRAUSS, C. Race et historie. In: *Id. Le racisme devant la science*. 1. ed. Paris: Unesco, 1960, p. 241-281.

ROMANO, P. (pseudônimo de Phil Singer) - STONE, R. (pseudônimo de Grace Lee). **The American Worker**. 1. ed. Detroit: Facing Reality Publishing Company, 1946.

ROMANO, P. L'operaio americano. **Battaglia Comunista**, nn. 4, 6, 7 (1954), 1, 2 (1955). Tradução em italiano por Danilo Montaldi da parte do livro *The American Worker* escrita por Paul Roano, ou seja "Life in the Factory". Republicado em:

MONTALDI, D. **Bisogna sognare. Scritti 1952-1975**. 1. ed. Milano: Associazione culturale Centro di iniziativa Luca Rossi - Cooperativa Colibri, 1994, p.501-557.

TROTSKY, L. **In Defence of Marxism. Against the Petty-bourgeois Opposition**. 1. ed. New York: Pioneer Publishers, 1942.

WILLIAMS, E. **Capitalism and Slavery**. 1. ed. Richmond (Virginia): University of North Carolina Press, 1944; 2. ed. Chappel Hill - London: University of North Carolina Press, 1994.

ZANIN, V. C.L.R. James o l'attualità della rivoluzione come realizzazione dell'individuo sociale. In: POGGIO, P.P. (a cura di). **L'altronevecento. Comunismo eretico e pensiero critico**. Vol. III: **Il capitalismo americano e i suoi critici**. 1. ed. Milano: Jaca Book, 2013, pp. 235-253.

ZANIN, V. As revoltas dos escravos no Brasil nas ciências sociais e literatura brasileiras (1919-1940). **Lugar comum**, n. 57 (Abril de 2020), pp. 54-88.